

**“NÃO É VERGONHA NENHUMA SERMOS DUZENTOS MIL”: VIVENDO NA ILUSÃO COM OS VERDADEIROS NÚMEROS DO INTEGRALISMO. O PRP COMO RESPOSTA À NOVA REALIDADE DO BRASIL**

**“THERE IS NO SHAME IN BEING TWO HUNDRED THOUSAND”: LIVING AN ILLUSION WITH THE TRUE NUMBERS OF INTEGRALISM. THE PRP AS AN ANSWER TO THE NEW BRAZILIAN REALITY**

Leandro Pereira GONÇALVES<sup>1</sup>  
Alexandre Luís de OLIVEIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** Após quase oito décadas do fim oficial da Ação Integralista Brasileira (AIB), podemos ser levados a pensar que o assunto já contou com uma investigação completa e que o tema já foi exaustivamente problematizado. A AIB percorreu vários estados brasileiros e criou um acervo burocrático de grande proporção que, mesmo com a destruição de vários documentos, ainda traz à tona fatos reveladores para o estudo do integralismo. Este ensaio pretende trazer à luz um tema ainda pouco discutido pelos estudiosos: a identificação de quantos brasileiros se filiaram ao integralismo, visto que a historiografia lança números imprecisos, entre 500 mil a 1.500.000. A investigação busca auxiliar na compreensão quantitativa e contribuir com novos estudos sobre a AIB.

**Palavras-Chave:** Plínio Salgado; Integralismo; Partido de Representação Popular; Militantes.

**Abstract:** Almost eight decades after the official ending of the Brazilian Integralist Action (Ação Integralista Brasileira - AIB), we might be led to thinking that this subject had been thoroughly researched and exhaustingly problematized. AIB was present in many Brazilian states and created a bureaucratic collection of such large proportions that, even after the destruction of various documents, it continues to bring forth revealing facts for the study of Integralism. This essay aims to bring to light a lesser discussed topic: identifying how many Brazilian people joined Integralism, given the imprecise numbers found in historiography, ranging from five hundred thousand to a million and a half. This research focuses on quantitative data in order to contribute to new studies about the AIB.

**Keywords:** Plínio Salgado; Integralismo; Party of Popular Representation; Militants.

*De 200 mil a 1 milhão e meio: o integralismo e a historiografia*

Os estudos sobre o integralismo têm recebido a atenção de historiadores que pretendem analisar o surgimento e a organização daquele que é considerado o primeiro movimento de massa do Brasil. Embora existam vários trabalhos sobre o tema, algumas

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) e com pós-doutoramento pela Universidad Nacional de Córdoba (Centro de Estudios Avanzados/Argentina) – Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) E-mail: leandro.goncalves@puers.br.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio no Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), da Universidade Católica Portuguesa. E-mail: alexandreoliveiraluis@gmail.com.

lacunas ainda podem ser observadas. Plínio Salgado, chefe da Ação Integralista Brasileira (AIB), almejava conquistar o comando do Brasil, para isso, não poupou esforços para arregimentar um grande número de adeptos ao integralismo. Entretanto, podemos confiar nas fontes deixadas pelos integralistas? A discrepância entre os números oficiais de adeptos indica o cuidado que se deve ter nas investigações dos arquivos integralistas. Afinal, quantos militantes integralistas existiram no Brasil nos anos 1930? 500 mil? 1 milhão? 1 milhão e meio de integralistas? Esse é um questionamento que o pesquisador do integralismo, constantemente, tem feito nos últimos anos. A resposta é uma imprecisão, pois não há disponível para o pesquisador nenhum tipo de censo ou quantificação do número exato de camisas-verdes, restando apenas o discurso oficial difundido pela secretaria de propaganda da AIB e vinculado aos jornais e revistas do movimento, que hoje estão disponíveis para o pesquisador.

No ano de 1985, a cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, recebeu a doação de todos os documentos pessoais e políticos das mãos da viúva de Plínio Salgado, Carmela Patti Salgado, e assim construiu o Fundo Plínio Salgado, no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (APHRC/FPS). A partir daí, a cidade foi transformada em “Meca” para o pesquisador do integralismo. Na documentação contida no arquivo, verificaram-se manuscritos inéditos, documentos pessoais, materiais do movimento integralista e várias correspondências (CAMPOS; DOTTA, 2013). Dentre essas correspondências, há uma em especial, reveladora, que será analisada no decorrer do ensaio.

Não há pesquisador que não tenha esbarrado em nomes como Héglio Trindade (1979), José Chasin (1999), Gilberto Felisberto Vasconcellos (1979) ou Marilena Chauí (1985). Sem dúvida, o ponto de partida para um pesquisador do integralismo está no estudo realizado pelo cientista político Héglio Trindade, nos anos de 1967 a 1971, na *Université Paris I (Panthéon-Sorbonne)* denominado: *L’Action intégraliste brésilienne: un mouvement de type fasciste au Brésil*. Com a conclusão, a tese foi traduzida e publicada no Brasil, em 1974, sob o título: *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Esse estudo promoveu a entrada da temática no meio acadêmico, sendo responsável por tornar conhecido o movimento, além de ter sido alvo de novas interpretações.

Após o citado estudo, houve o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do integralismo nas ciências sociais, trabalhos que tiveram como aporte a crítica à tese de Héglio Trindade. A primeira pesquisa a contrapor foi o clássico estudo de José Chasin,

que, no ano de 1977, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, defendeu a tese de doutoramento *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. Nela criaram-se novas concepções para analisar o integralismo de Plínio Salgado, questão que provocou diversos debates entre o autor e Trindade. A tese, que foi publicada no ano de 1978 com o mesmo título, teve o intuito de analisar o pensamento de Plínio Salgado dentro de uma concepção dialética lukacsiana. Ainda em 1977, ocorreu na Universidade de São Paulo a defesa de doutorado intitulada *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*, escrita pelo cientista social Gilberto Felisberto Vasconcellos. Publicada em 1979, criou, sob a orientação do Professor Doutor Gabriel Cohen, uma terceira via de análise do pensamento integralista, remetendo a questões relacionadas ao movimento modernista, grupo a que pertenceu o líder da AIB, Plínio Salgado. Fechando as pesquisas e leituras referentes ao integralismo na década de 1970, tem-se o estudo da filósofa Marilena Chauí, que, para o livro *Ideologia e mobilização popular*, datado de 1978, escreveu o capítulo “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. No artigo, a autora promoveu a continuidade da criação de novos modelos interpretativos do integralismo e, embasada no marxismo, elaborou um estudo em que faz referência às classes envolvidas no movimento.

A quadriade (Trindade, Chasin, Vasconcellos e Chauí) passou a ser ponto de referência essencial para o estudo do movimento integralista, influenciando de forma direta os estudos, mas ainda contidos nas ciências sociais e filosofia. Somente em meados da década de 1980, o integralismo passou a ser analisado, de forma tímida, dentro da academia histórica. Crê-se que essa opção caminhava ao lado das fortes relações do meio com o pensamento marxista e até mesmo pelos *Annales*, que não viam a História Política como algo necessário na ocasião, ainda mais uma temática de cunho conservador. Com o início do novo século, somente nos seis primeiros anos 283 pesquisas foram realizadas sobre o tema, um número superior ao somatório das produções das décadas de 1980 e 1990 (BERTONHA, 2010).<sup>1</sup> Com a passagem do tempo e as alterações metodológicas, a História Política passou a ter importância nos diálogos e fez do integralismo uma prática de pesquisa recorrente.

Não há dúvidas sobre a importância dos trabalhos desenvolvidos por Héglio Trindade, tanto para a ciência política quanto para as análises historiográficas. Os estudos foram realizados em um momento em que militantes estavam vivos e havia o clamor por um debate sobre a direita conservadora. Infelizmente, há pesquisadores que

não compreendem o valor de uma obra pioneira, por isso ao buscar certa “inovação”, não levam em conta o momento de sua produção, iniciando assim um trabalho de desconstrução acadêmica e pessoal, simplesmente por vaidades ou necessidade de afirmação, inclusive com vieses pessoais, ultrapassando o limite da academia. Os comentários são limitados à terceira parte da tese, quando Trindade analisa a “natureza do movimento” em uma perspectiva com o fascismo italiano. Em recente entrevista, Trindade, ao analisar a recepção da tese, afirma:

Recente tese de doutorado defendida na UFRJ, em 2013, por Alexandre Pinheiro Ramos (*Intelectuais e carisma: a Ação Integralista Brasileira na década de 1930*), dedica um capítulo à recepção da minha tese no Brasil. Sua crítica é curiosamente paradoxal: ao reconhecer a quase unanimidade da aceitação da minha tese pelos autores que produziram vasta bibliografia posterior sobre a AIB, sugere que ela deixou de ser “científica” e entrou no domínio do “sagrado”. Esse princípio parece bastante questionável: significaria que o conteúdo de um livro (tese) perde sua “cientificidade” em função de sua ampla aceitação!? A meu ver, a explicação é mais simples: como obra pioneira foi sempre citada por autores focados em estudos regionais, mas isto não significou, necessariamente, a aceitação tácita do seu conteúdo nacional e internacional (GERTZ; GONÇALVES; LIEBEL, 2016, p. 196).

De forma mais impessoal, Felipe Azevedo Cazetta, em recente tese de doutorado, levanta sem comprovações a falta de validade da tese de Trindade, bem como daqueles que identificam elementos de importância metodológica e conceitual, classificando como “tributários ao cânone que a obra de Hélió Trindade se tornou. Este foi o caso da tese de Leandro Pereira Gonçalves” (2016, p. 20-21). E completa que Gonçalves andou “pagando pedágio a Trindade” (2016, p. 21). Alguns recentes pesquisadores desenvolvem leituras equivocadas, o que cria um clássico erro teórico e que, infelizmente, está presente em nossa academia.<sup>ii</sup>

A importância de Hélió Trindade é notada mais uma vez quando, recentemente, o pioneiro dos estudos do integralismo trouxe ao estudioso do tema uma obra reveladora e primordial, que pode contribuir de sobremaneira com a difusão e, até mesmo, reinterpretções do movimento fascista dos anos 1930. Em 1979, quando lançou a segunda edição da tese precursora, afirmou em nota:

[...] será objeto de um próximo volume, a análise de um conjunto de depoimentos, gravados, ainda inéditos, colhidos junto a dirigentes e militantes integralistas entre 1968 e 1970 e que, em decorrência de suas implicações na atualidade político-ideológica, assumiria o compromisso de não divulgá-los imediatamente (TRINDADE, 1979, p. VI).

Portanto, em continuidade ao planejamento, ao anúncio de 1979, após 37 anos, Héglio Trindade, publicou em 2016 o livro *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Em uma das entrevistas realizadas com o chefe do integralismo, Plínio Salgado, é questionado sobre a quantidade de militantes:

HT: O sr. Tem de memória mais ou menos os números, no Brasil como um todo? Chegou a ter quantos?

PS: Um milhão.

HT: Foi na época do plebiscito?

PS: É.

HT: Em São Paulo tinha mais ou menos quantos?

PS: Eu não posso calcular, mas São Paulo deveria ter de 50 a 100 mil.

HT: E no Rio Grande do Sul?

PS: No Rio Grande do Sul era forte também. Teria que consultar papéis.

HT: Mas havia estatística interna?

PS: Havia.

HT: O Sr. Poderia me fornecer estes números?

PS: Eu achando, dou.

HT: Quantos mil tinha na Bahia, mais ou menos?

PS: Na Bahia tinha uns 100 mil.

HT: Inclusive em Salvador?

PS: Em Salvador, muitos (TRINDADE, 2016, p. 162-163).

Foi no contexto da entrevista que Plínio Salgado decidiu concorrer novamente a uma cadeira no Congresso Nacional pela ARENA. Com repercussão significativa na imprensa, que o classificava como “a volta do fantasma”, o líder dos integralistas ganhou espaço nos jornais e revistas e, mais uma vez, o discurso em relação ao passado de glórias e a grandeza do integralismo esteve presente em sua oratória, principalmente em relação à quantificação de militantes. A “mania de grandeza”<sup>iii</sup> de Plínio Salgado é uma das dificuldades que a historiografia encontra para ter precisão (ou aproximação real) de alguns dados, pois muitos documentos oficiais foram perdidos, restando apenas a palavra do “Chefe”. Aliado a tal aspecto está o fato do surgimento tardio de estudos sobre o integralismo (década de 1970). Em 1973, em depoimento para a revista *Realidade*, afirmou que o integralismo estava presente em vários países, inclusive na Inglaterra, onde ocorreu a fundação do *Integralist Party* (CABRAL, 1973). Afirmou ter 700.000 integralistas prontos para o combate, bastava uma ordem e a mobilização seria feita. Apontava para os “terroristas” (comunistas) a culpa pela necessária ditadura, ou seja, o discurso continuava com a mesma justificativa da década de 1930, no entanto,

afirmava que o integralismo seria uma doutrina para os homens do século XXI (SALGADO, 1970).

Tanto na entrevista concedida a Héglio Trindade quanto em depoimentos na imprensa, havia a necessidade do engrandecimento de um passado que representava o auge da história política de Plínio Salgado, pois não há dúvidas que os anos 1930 representaram a fase de maior visibilidade política do líder dos camisas-verdes. São ações que marcam apenas uma mera repetição do discurso oficial do período, que tinha como único propósito o engrandecimento do movimento. Em termos da construção de uma memória coletiva, sobre um passado também coletivo (não somente de Plínio Salgado, mas da militância integralista), Michael Pollak afirma que uma das preocupações da memória não é apenas manter, mas modificá-la. Verifica-se o passado em função dos combates do presente e do futuro e a exigência de justificar a falsificação e reinterpretação do passado em busca de credibilidade de uma organização política. Com isso, vê-se que, pautado em Pollak, Salgado, busca estabelecer uma imagem sobre o passado em torno de uma imagem forjada, pois o que está em jogo é a memória e a identidade individual e do grupo (POLLAK, 1989).

Na construção de uma imagem que promovesse engrandecimento, a imprensa integralista era uma das grandes forças ideológicas do movimento e, constantemente, gráficos de inscritos na AIB eram divulgados, principalmente para demonstrar a grandeza do movimento, não só aos militantes, mas aos inimigos políticos e, principalmente, ao Estado Vargasista. A AIB, que teve a sua oficialidade no período de 1932 a 1937, divulgou na revista *Anauê!*, de 1936, que somente em 1935 “ingressaram no integralismo 399.000 brasileiros” (ANAUE!, 1936, p. 19). A totalidade chegou a 699.000 inscritos em dezembro de 1935 em dados oficiais divulgados pela Secretaria Nacional de Propaganda.

**Figura 1: *Graphico* das inscrições na AIB em 1935**



Fonte: *Anauê!* (1936, p. 19).

O jornal *Monitor Integralista*, jornal de circulação nacional, “era estruturado como uma espécie de *diário oficial*” (OLIVEIRA, 2011, p. 30). Na edição comemorativa dos cinco anos da fundação da AIB, em 7 de outubro de 1937, Salgado afirmou que o número de filiados ultrapassava o número de um milhão de pessoas (MONITOR INTEGRALISTA, 1937). Obviamente o exagero, utilizado como estratégia de impacto político, demonstra que, apesar de possuir uma inegável inserção na sociedade, o integralismo precisava demarcar força constante no cenário político nacional.

O ano de 1936 foi caracterizado como *Ano Verde*, pois, segundo Marilena Chauí, “de junho e setembro daquele ano, o número de membros e de simpatizantes da AIB dobrou, ultrapassando a casa do milhão” (CHAUÍ, 1985, p. 102).<sup>iv</sup> Verifica-se que, devido à falta de documentação, o discurso oficial foi repetido (e está sendo) por diversas gerações, tanto pelos precursores como pelas mais recentes pesquisas. No entanto, a abertura de arquivos<sup>v</sup> e a expansão dos Programas de Pós-Graduação trazem descobertas arquivísticas e reflexões investigativas.

*Para evitar novas derrotas, o fim da fantasia*

Entretanto, destaca-se que o objetivo da nossa reflexão não está no debate historiográfico ou mesmo crítico sobre a composição numérica do número de

integralistas, mas observar como a baixa proporção de militantes dos anos 1930 dificultou a sobrevivência do integralismo nos moldes democráticos através do Partido de Representação Popular (PRP). É notório que a causa da não aceitação dos ideais autoritários travestidos de democráticos e cristãos não é apenas explicada pela composição numérica, pois há outros fatores basilares para tal efeito. Um exemplo disso é a falência do fascismo no pós-guerra, que fez com que Plínio Salgado caminhasse na direção da democracia cristã, amparado na proposta de António de Oliveira Salazar, exemplo ditatorial que mantém a sua força após a Segunda Guerra Mundial. Ademais, o exílio de Salgado em Portugal transformou-se em fonte de inspiração para os anseios políticos no retorno ao Brasil em 1946 (GONÇALVES, 2015c).

Não buscamos uma quantificação exata do número de integralistas no Brasil, mas, sim, analisar os motivos que levaram o líder da AIB a optar pela criação de um novo partido político após o Estado Novo, deixando de lado uma possível retomada da AIB, com a manutenção simbólica e ritualística. Quais seriam as circunstâncias que impulsionaram Salgado, então exilado em Portugal desde 1939, a não acreditar mais na força que a AIB teria conquistado na década de 1930, solicitando aos seus companheiros no Brasil a formação de uma nova base integralista, o PRP? Criado em 1945, o novo partido dos integralistas nasceu com o processo de redemocratização do Brasil após a queda de Getúlio Vargas da Presidência da República. Entretanto, seria o PRP uma nova AIB? O PRP conseguiria atingir as mesmas proporções de afiliados que supostamente a AIB atingiu na década de 1930? Ainda há lacunas sobre essa nova fase do integralismo no período de redemocratização que criam certas dúvidas.

O ano de 1945 pode ser analisado como uma nova fase para os integralistas. Com o término do Estado Novo de Getúlio Vargas, que colocou fim aos partidos políticos, o novo cenário político brasileiro permitiu a recriação de partidos no âmbito nacional após anos de ditadura. Esse novo período também representou a possibilidade do retorno ao Brasil de Plínio Salgado, então exilado em Portugal após sofrer com o desmantelamento da AIB em consequência da instauração da ditadura varguista. Essa nova fase surgia como uma oportunidade única para tentar implantar novamente ideais antigos que foram aniquilados com o advento do Estado Novo, mas os tempos eram outros e muitas das diretrizes integralistas já não funcionariam nessa nova fase política. A melhor saída encontrada por Plínio para camuflar o integralismo dentro do sistema político democrático foi fundar um partido, com um novo olhar para o Brasil, pois, com o fim da Segunda Guerra Mundial, não havia espaço para tendências políticas



autoritárias. Foi nesse novo período da política brasileira que o PRP surgiu, tendo como desafio desde sua fundação a meta de se desvincular da AIB.

Entre 1938 e 1946, os remanescentes do integralismo se dividiram na sua relação com o Estado Novo varguista. Alguns foram cooptados pelo regime e se tornaram fiéis funcionários do mesmo. Alguns integralistas optaram pela neutralidade e silêncio, à espera de melhores dias, enquanto outros procuravam se reunir clandestinamente e manter vivos alguns dos ideais do movimento. De qualquer modo, as possibilidades de maiores influências política eram, nesse período, praticamente nulas (BERTONHA, 2009, p. 70).

A criação do PRP não pode ser analisada como um projeto simples, mas como um longo caminho trilhado pelos líderes da AIB até seu registro e o lançamento nacionalmente. No que tange à criação do novo partido, Plínio enfrentou problemas tanto entre os integralistas quanto do cenário mundial, que dificultava a ascensão de ideologias vistas como autoritárias. No campo externo, deve-se “levar em conta a existência de imagens negativas que colocavam grande parcela da opinião pública contra o reaparecimento do integralismo” (CALIL, 2001. p. 85). Já internamente e de acordo com o próprio Plínio, as articulações de como se estruturaria o futuro dos integralistas foram debatidas entre as lideranças remanescentes, mas a palavra final sempre foi do próprio Plínio.

Como os integralistas deviam, como cidadãos brasileiros, exercer atividade política, julguei que o mais acertado seria a fundação de um partido, onde pudessem reunir-se sem desdouro e nem mistura com homens que os não compreendem, nem consideram, senão como massa eleitoral. Esse partido poderia fazer o que o integralismo nunca poderia fazer: conversações, ligações, combinações, resguardada a integridade da agremiação para que os integralistas não se dissolvessem na massa dos partidos das duas candidaturas. Essa foi a razão pela qual, contra a opinião (do Padilha) da maioria dos do Rio, que queriam uns lançar a própria Ação Integralista como partido, outros que queriam simplesmente a adesão a uma das candidaturas, eu de modo próprio, determinei a criação do PRP (CORRESPONDÊNCIA...,1946).

Embora a criação do PRP não tenha sido algo de comum acordo entre os remanescentes do integralismo, pode ser vista como uma decisão importante, pois um novo partido abriria um leque de novos caminhos políticos, como apontou o próprio Plínio, com a possibilidade de conversações, ligações e combinações, ou seja, ficaria mais fácil fazer articulações políticas com vários outros partidos sem correr o risco de ser acusado de desviar da base ideológica integralista. Essas três possibilidades citadas

por Plínio apontavam certa vantagem do PRP em relação à AIB. Havia também vertentes dentro da AIB que buscavam outras vias para esse momento de reabertura, como o restabelecimento da AIB como partido político ou mesmo a adesão maciça de integralistas em um partido político já consolidado.

Com uma concepção cristã consolidada e propagada no exílio em Portugal, Salgado foi recebido no Brasil sem muitos estardalhos, uma vez que havia uma série de receios com a chegada do antigo líder da AIB por parte da imprensa brasileira (GONÇALVES, 2015b). No desembarque, existiam antigos militantes e simpatizantes, inclusive em número expressivo para o integralismo do pós-guerra, principalmente porque o retorno de Plínio ocorreu em segredo, mas nada que gerasse uma apoteose de militantes: “A chegada de Plínio Salgado ao aeroporto desta cidade, apesar de não anunciada e apenas conhecida à última hora por um telegrama de Lisboa, constituiu marcante e significativo acontecimento” (PLÍNIO... 1946).

Havia uma necessidade de engrandecimento do líder, mas com cuidado, pois a adaptação de um exilado após o período de cárcere não ocorre de uma forma instantânea, principalmente porque proclamava publicamente ser um emissário da palavra de Cristo, e não um líder partidário. Em entrevista declarou: “Não sou, atualmente, um chefe de partido.<sup>vi</sup> Sou chefe de uma doutrina político-social” (BRASIL, 1946). A ação do líder político foi bem estabelecida. Passou os primeiros momentos por um período de adaptação e transição com um discurso uníssono envolvendo política e religião: “Combater o comunismo mediante as formas agnósticas duma política utilitária e sem Deus, não é somente um erro, mas também uma imoralidade” (COMBATER... 1946). Com essa visão doutrinária, Plínio se restabeleceu no Brasil, em um país com uma nascente e desconhecida democracia, uma nova nação e, portanto, precisava aprender a viver e a se organizar após sete anos de exílio. As práticas discursivas e as matrizes na formação construídas e/ou consolidadas em Portugal foram a base para a nova concepção doutrinária desse novo (ou velho) Plínio Salgado, que era um homem com meio século de vida, fraco e sem a mesma euforia de antes, mas que tinha um projeto luso-brasileiro a ser estabelecido no Brasil, que consistia na criação de uma política “salazarista à brasileira” (GONÇALVES, 2015a).

O chefe dos integralistas não desprezava a possibilidade de se tornar novamente chefe e presidente de um novo partido e ser aclamado pelas massas em eleições futuras. Por isso, mesmo ele tendo articulado toda a criação do novo partido ainda no exílio, ao retornar para o Brasil tentou transparecer não ter ciência plena do que estava ocorrendo

no interior do partido, chegando ao ponto de agir com surpresa na ocasião da 2ª Convenção Nacional do Partido, realizada em 27 de outubro de 1946, quando em discurso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi aclamado presidente do partido supostamente contra a sua vontade.

Era meu firme propósito não aceitar esse posto, porque desejava, antes, como simples eleitor, cooperar [...] partindo, porém, de minha casa para as minhas orações matinais na Igreja mais próxima, ali tive o grande conforto espiritual de meditar um pouco sobre a data que coincidia com a da eleição do Partido e da posse mesmo de sua Diretoria. Era a data, amigos de Cristo Rei! (palmas), o último domingo de outubro, consagrado Aquele que de todos nós é rei incontestado e soberano sem par, e que nos ensinou que a sua realeza consistiu principalmente no sofrimento e que sofreu, na cruz que carregou e na lição que nos deu dizendo: Se queres seguir-me toma a tua cruz e segue-me. (palmas) (SALGADO, 1946).

Todavia, mesmo com toda a tentativa de demonstrar que o PRP não era uma extensão da AIB, logo após a fundação do partido já eram feitas comparações entre os dois partidos políticos, principalmente após a promoção de Plínio Salgado à presidente do PRP, o que fez a imprensa em geral estabelecer uma vinculação direta entre o novo partido e o integralismo, o que gerou prejuízos para o PRP. Houve então a necessidade de criar estratégias para distanciar o PRP dos integralistas.

O nascente PRP respondeu negando as acusações de espionagem e as ligações com Hitler ou Mussolini. Um especial cuidado foi tomado com a questão da democracia [...] e com a do fascismo, com os novos integralistas ressaltando que o Integralismo não era e nem nunca havia sido fascista. Também Salgado e outros autores produziram um grande número de livros e documentos para ressaltar esses pontos e velhos livros e documentos foram, quando necessário, esquecidos ou adulterados para ressaltar os novos cânones (BERTONHA, 2009, p. 71).

Logo após a criação do PRP, na tentativa de calar as várias acusações que o novo partido e os integralistas estavam sofrendo, foi divulgada na imprensa brasileira uma Carta Aberta à Nação Brasileira, escrita por Plínio Salgado e assinada por inúmeros integralistas, com a intenção de passar credibilidade ao público em geral. A Carta foi publicada em vários jornais com a esperança de chegar ao maior número de pessoas possível e começar a desfazer a impressão ruim formada contra o camisa-verde. No jornal *A Noite* de 7 de maio de 1945, a Carta foi publicada na íntegra e trazia como subtítulo: *A extinta “Ação Integralista Brasileira” no tribunal da opinião pública*. Em

um pequeno fragmento da Carta, pode-se perceber uma tentativa de abrandar as acusações feitas, em especial, aos integralistas (CARTA..., 1945).

Os abaixo assinados – brasileiros tão dignos e patriotas quanto os que mais o sejam – membros da extinta “Ação Integralista Brasileira”, dissolvida em dezembro de 1937 pelo Governo Nacional, cumprem o imperioso dever de vir, perante a Nação, defender seu passado contra a obstinada e injusta campanha, sistematicamente feita no sentido de infamar aquele movimento e, em consequência, todos quantos, sincera e honestamente, dele participaram (CARTA..., 1945, p. 3).

A *Carta* destaca cinco pontos principais dos quais o integralismo estava sendo acusado. Esses cinco pontos expostos como defesa por Plínio diziam respeito a denúncias de recebimento de financiamento estrangeiro por parte dos integralistas, recebimento de armas de outros países, ligações estreitas com potências estrangeiras, aproximação com ideias totalitárias como o fascismo e o nazismo e a questão da antiamericanidade integralista. Todos esses pontos foram rebatidos por Plínio com o objetivo de enfraquecer os argumentos negativos relacionados ao integralismo.

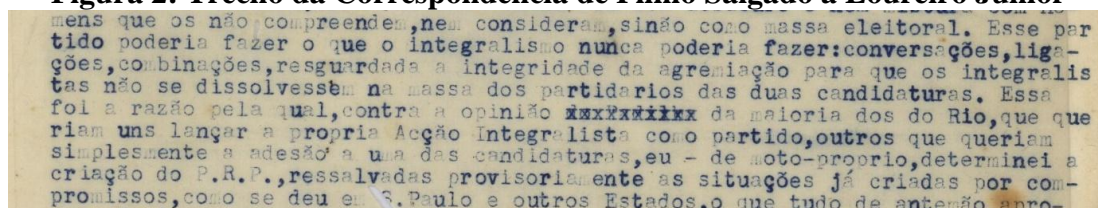
Capituladas as principais acusações e respondidas com verdade, lealdade, serenidade e dignidade, ficam os signatários à espera de que se produzam provas documentais em contrário. Sua consciência está tranquila. O INTEGRALISMO É UM ACONTECIMENTO QUE HOJE PERTENCE AO DOMÍNIO DA HISTÓRIA. Ninguém afirma que fosse um movimento sem defeitos e sem erros, vez que o compunham homens de todas as condições. É lícito criticá-lo; mas é profundamente injusto querer, à força da repetição e da reedição de calúnias expô-lo à aversão nacional e infamar os que dele fizeram parte. PERANTE A NAÇÃO BRASILEIRA COMPARECEM OS ACUSADOS E OS ACUSADORES. TEM ESTES, AGORA, A PALAVRA PARA PRODUZIREM SUAS PROVAS (CARTA..., 1945, p. 3).

A *Carta*, de certa forma, expõe os pontos destacados nas denúncias diárias feitas pelos opositores ao integralismo, desviando os fatos concretos de sua história, justificando ou alterando seu passado na tentativa de calar seus principais críticos, que baseavam nessas acusações subsídios fortes para desarticularem o PRP. Outro ponto importante a ser analisado em relação a essa dinâmica integralista de autodefesa foi a publicação em 9 de setembro de 1945 do *Manifesto-Diretiva*, que estampou a página 10 do jornal *Correio da Manhã* (SALGADO, 1945). O Manifesto foi um resgate aos objetivos integralistas de 1932, reafirmando seu compromisso com Deus, a Família e a Pátria brasileira. O texto faz um panorama histórico dos principais objetivos da AIB, expõe suas conquistas e faz projeções para o futuro, visando às eleições. Esse manifesto

apontava Raymundo Padilha, integralista desde os primeiros momentos da AIB, como representante de Plínio no Brasil e principal articulador do novo partido (SALGADO, 1945).

Esse foi o primeiro documento oficial em larga escala em que Plínio Salgado divulgou o nome de Raymundo Padilha como seu representante no Brasil. Padilha, além de homem próximo de Salgado na articulação do integralismo no Brasil, figura como um dos articuladores do registro do PRP. É evidente que a autonomia dada por Plínio ao seu representante no Brasil não tornou Padilha figura equivalente à imagem do chefe, nem mesmo para tomar nenhum tipo de decisão sem permissão prévia dele, mas podemos perceber certo desalinhamento entre Plínio e Padilha. Em carta enviada por Plínio Salgado a seu genro, Loureiro Júnior, em maio de 1946, Plínio aponta que alas integralistas no Rio de Janeiro não queriam a criação de um novo partido, mas, sim, a rearticulação da AIB ou a filiação em um partido consolidado. Na carta original, depositada no APHRC/FPS, algo chama a atenção. Quando Plínio afirma que o PRP foi criado contra a opinião da maioria do Rio, ele tenta apagar uma palavra redigida errada. Na verdade, Plínio havia escrito que Padilha era contra a criação do PRP. Embora Plínio tenha apontado Padilha como principal articulador do novo partido, seu nome não é citado em nenhum documento oficial do Tribunal Superior Eleitoral (OLIVEIRA, 2014).

### Figura 2: Trecho da Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior



mens que os não compreendem, nem consideram, são como massa eleitoral. Esse partido poderia fazer o que o integralismo nunca poderia fazer: conversações, ligações, combinações, resguardada a integridade da agremiação para que os integralistas não se dissolvessem na massa dos partidários das duas candidaturas. Essa foi a razão pela qual, contra a opinião ~~xxxxxxx~~ da maioria dos do Rio, que queriam uns lançar a própria Ação Integralista como partido, outros que queriam simplesmente a adesão a uma das candidaturas, eu - de moto-proprio, determinei a criação do P.R.P., ressalvadas provisoriamente as situações já criadas por compromissos, como se deu em S. Paulo e outros Estados, o que tudo de antemão apro-

Fonte: Correspondência... (1946).

O Manifesto-Diretiva também tocava em um ponto referente à AIB. Como mais um instrumento utilizado por Plínio para tentar calar os ataques adversários, o manifesto aponta que:

A “Ação Integralista Brasileira” era um partido e foi fechada; mas o Integralismo é uma doutrina e ninguém o pode fechar. Não vamos, pois, subordinar o permanente ao passageiro, o imutável ao mudável. Essa a razão por que vos indiquei neste Manifesto-Diretiva os meios de exercerdes o voto obrigatório, sem envolver, na transitoriedade da hora que passa, aquilo que pode amanhã representar a defesa mais decisiva da Nação brasileira, como hoje representa e resume a

Página | 167

*História e Cultura*, Franca, v. 5, n. 3, p. 155-174, dez. 2016.

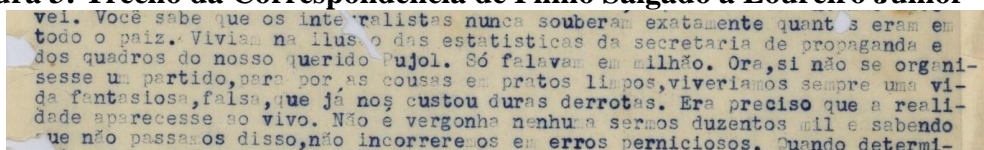
perenidade de um pensamento em cuja essência vive a própria alma da nossa Pátria (SALGADO, 1945, p. 10).

Nesse sentido, a AIB tornou-se uma organização, oficialmente longe das disputas eleitorais, mas muito presente na mentalidade de seus seguidores. Havia agora o desafio de se oficializar o novo partido, que a princípio seria livre, mas, com o passar do tempo, seria a base eleitoral dos integralistas. O registro do novo partido foi autorizado, e a formação do Partido de Representação Popular em 1945 também representou um passo importante para a reestruturação das bases do integralista na década de 1940 (CALIL, 2011).

Ainda sobre as circunstâncias que levaram Plínio a solicitar a criação de um partido político novo, desvinculado até mesmo da imagem da AIB, podemos perceber que seus reais motivos não eram apenas a relação AIB/Fascismo divulgada amplamente durante anos pela imprensa brasileira, mas o medo do fracasso eminente da AIB nas urnas. Em tempos finais do exílio, o próprio Plínio esclarece ao genro, Loureiro Júnior, os verdadeiros motivos que o levaram a solicitar a criação do PRP.<sup>vii</sup>

*Você sabe que os integralistas nunca souberam exatamente quantos eram em todo o país. Viviam na ilusão das estatísticas da secretaria de propaganda e dos quadros do nosso querido Pujol. Só falavam em milhão. Ora, se não se organizasse um partido, para pôr as coisas em pratos limpos, viveríamos sempre uma vida fantasiosa, falsa, que já nos custou derrotas. Era preciso que a realidade aparecesse ao vivo. Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil e sabendo que não passamos disso, não incorreremos em erros perniciosos (CORRESPONDÊNCIA..., 1946, grifo nosso).*

### Figura 3: Trecho da Correspondência de Plínio Salgado a Loureiro Júnior



vel. Você sabe que os integralistas nunca souberam exatamente quantos eram em todo o país. Viviam na ilusão das estatísticas da secretaria de propaganda e dos quadros do nosso querido Pujol. Só falavam em milhão. Ora, se não se organizasse um partido, para pôr as coisas em pratos limpos, viveríamos sempre uma vida fantasiosa, falsa, que já nos custou derrotas. Era preciso que a realidade aparecesse ao vivo. Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil e sabendo que não passamos disso, não incorreremos em erros perniciosos. Quando determi-

Fonte: Correspondência... (1946).

A correspondência como fonte pode ser identificada como a escrita de si na primeira pessoa, quando o “indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (MALATIAN, 2009, p. 195). Em documentos familiares, fatores do cotidiano podem ser expressos com mais visibilidade e atenção, proporcionando ao historiador a possibilidade de selecionar elementos significativos que contribuam com a construção de uma narrativa (MALATIAN, 2009). Verifica-se, portanto, que uma correspondência do sogro ao genro, que atuam na mesma

organização política, representa elementos particulares e contribui para que o historiador veja

[...] por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual o público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva (MALATIAN, 2009, p. 200).

Com isso, em um mundo privado, Plínio Salgado comprova a existência de manipulações dos dados e, principalmente, a dificuldade na formação de um novo partido, uma vez que a força da AIB não era aquela expressa publicamente, ou seja, eram cerca de duzentos mil integralistas com uma publicidade de um milhão.

### *O novo partido*

A intenção da criação de um partido novo era justamente abrir o leque de possibilidades e estratégias que a AIB não poderia garantir. Lançar novamente a AIB como partido político, como algumas alas propunham, poderia ser encarado como um erro, devido a circunstâncias que levaram o seu fechamento e os longos anos que sua doutrina e suas lideranças foram execradas pela imprensa. O PRP, de certa forma, estava livre do julgo integralista do passado e estaria livre para as alianças políticas. Outro ponto de destaque e que consta na mesma carta citada é quando Plínio expõe a Loureiro o número de filiados da AIB, muito longe dos milhões que eram divulgados.

A fantasia (ou aceitação do discurso, uma vez que não cabia ao liderado questionar o chefe) em relação ao número de militantes era coletiva. Em entrevista concedida ao jornal *Diário Carioca*, em 8 de abril de 1945, Olbiano de Melo ao ser questionado sobre o papel dos integralistas nas eleições de 1945, revela:

Bem, ainda é cedo para falar. Não posso afirmar se os antigos integralistas irão arregimentados às eleições. Não vejo, porém, motivos para que não o façam. São bons brasileiros como quaisquer outros e não seria agora, no instante em que a pátria mais necessita da colaboração de todos os seus filhos, que cerca de dois milhões de adeptos de Sr. Plínio Salgado iriam cruzar os braços e se ausentassem do cenário nacional. [...] quase dois milhões de antigos integralistas esperam, por certo, uma diretriz quanto à sua atitude nos próximos meses (FALA..., 1945, p. 9).

Podemos perceber a tentativa de manipular os números de inscritos para dar força ao integralismo. Mas eram números absurdos e conflitantes, tendo o próprio Plínio

estabelecido a marca de 200 mil. De qualquer forma, é um fato importante, pois a manipulação desses números de inscritos pelos dirigentes da AIB pode ter gerado derrotas significantes.

Com essas informações, era imprescindível a tentativa de Plínio em diversificar seu campo de eleitores. O PRP poderia trazer novos votos aos integralistas e assim obter resultados mais expressivos. De qualquer forma o integralismo nunca alcançou um milhão de adeptos, nem mesmo um número próximo a esse, e Plínio sempre teve ciência dessa situação. Com isso, era fundamental desvincular o PRP do integralismo. Podemos perceber que desde a fundação do PRP,

Plínio Salgado e seu representante no Brasil, Raymundo Padilha, preocuparam-se em fazer parecer que o novo partido era fruto de uma iniciativa da qual os integralistas não tiveram qualquer participação em um primeiro momento, tendo aderido apenas depois da fundação do partido. [...] a adesão dos integralistas teria se dado em 9 de novembro, após a I Convenção Nacional do PRP, por iniciativa de Raymundo Padilha (CALIL, 2011, p. 124-125).

A tentativa de distanciar o PRP do integralismo era evidente. Tanto Plínio quanto Padilha utilizaram o máximo que conseguiam da imprensa para vincular e construir uma credibilidade para o novo partido, com novos horizontes e com novas diretrizes, nada atreladas aos conceitos conservadores da extinta AIB.

Para o jornal *Reação Brasileira*, o Major Jayme Ferreira da Silva, em nome dos integralistas, “mostrou a inocuidade de atacarem o PRP, “como capa de rearticulação do Integralismo”, uma vez que se os Integralistas houvessem desejado registrar-se no Tribunal Eleitoral um “Partido Integralista”, tê-lo-iam feito, com programas e estatutos próprios, os quais, havendo alguma impugnação poderiam ser corrigidos e alterados, como o fez o Partido Comunista, cujo registro está condicionado às modificações exigidas pelo Tribunal. Continuando, mostrou o ilustre militar que a adesão dos Integralistas ao Partido de Representação Popular havia sido feita – a 9 de novembro último – pelo Sr. Raymundo Padilha, em discurso público, sem máscaras e sem subterfúgios, pelo microfone da Rádio Mayrink Veiga (CALIL, 2011, p. 125).

Fica claro em mais um exemplo de defesa do PRP que Plínio e Padilha estavam determinados a distanciar o PRP do integralismo. Como já desenvolvido anteriormente, a opção pelo registro do integralismo como partido político estava fora de cogitação, e o próprio Plínio havia negado qualquer tentativa de reestruturação da AIB, tanto que impôs aos próprios companheiros do Rio de Janeiro que haviam ventilado essa hipótese que não iria permitir o lançamento do Partido Integralista. Como disfarçar a maciça



adesão de integralistas no PRP? Os próprios integralistas se defendiam afirmando que seu ingresso no PRP se deu após o pronunciamento de Padilha na Rádio Mayrink Veiga em 9 de novembro de 1945, em que solicitava aos integralistas que aderissem ao PRP, entretanto esse discurso de adesão integralista pós-discurso é questionada, pois já haviam integralistas vinculados ao PRP na comissão provisória do partido. Na I Convenção Nacional, anterior à adesão de Padilha ao PRP, integralistas foram eleitos para comporem a diretoria nacional eleita (CALIL, 2011).

### *Notas finais*

Podemos perceber que a formação do PRP foi uma nova tentativa de Plínio Salgado de conseguir implantar o integralismo no Brasil. Os dados reveladores da carta enviada por Plínio a seu genro é a evidência de que o chefe tinha uma visão ampla do cenário político brasileiro a ponto de não querer arriscar mais uma vez seus objetivos de chegar à Presidência do Brasil. O PRP, tornando-se um partido neutro e livre para se articular com as várias correntes políticas do Brasil, traria vários benefícios aos integralistas. A revelação sobre os verdadeiros números da AIB também aponta que Plínio conseguiu analisar de forma racional as perdas políticas que a AIB sofreu durante seu período legal. Isso mostra que, embora a secretária de propaganda da AIB tenha estipulado de forma estrondosa os números de seus adeptos, não conseguiu, de fato, manipular a massa dos eleitores brasileiros e que os duzentos mil integralistas, apesar de representar uma considerável força no cenário político brasileiro, estava muito distante do desejo e dos planos de Plínio Salgado.

### **Referências:**

- Anauê!*, n. 7, fevereiro 1936, p. 19.
- BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo: 1932-2007*. Jaboticabal: Funep, 2010.
- \_\_\_\_\_. Os integralistas pós-1945. A busca pelo poder no regime democrático e na ditadura (1945-1985). *Diálogos*, Maringá, v. 13, p. 63-82, 2009.
- BRASIL. *A Nação*. Lisboa, 19 out. 1946.
- CABRAL. R. Pobre Galinha Verde. *Realidade*. São Paulo, jan. 1973, p. 18-23.
- CALIL, Gilberto Grassi. Partido de Representação Popular. Estrutura interna e inserção eleitoral. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, jan.-jul. 2011. p. 351-382.
- \_\_\_\_\_. *O Integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945-1965: cães de guarda da ordem burguesa*. 2005. Tese (Doutorado em História). Programa

Interinstitucional de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

\_\_\_\_\_. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar (Orgs.). *Dos papéis de Plínio: contribuições do Arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira*. Rio Claro: Oca, 2013.

CARTA aberta à nação brasileira: A extinta “Ação Integralista Brasileira” no tribunal da opinião pública. *Jornal A Noite*, Rio de Janeiro, p. 3, 7 mai. 1945.

CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fórmulas antidemocráticas em terras luso-brasileiras: análises em torno do Integralismo Lusitano e da Ação Integralista Brasileira (1914-1937)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. 2. ed. Belo Horizonte: Una, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 117-149.

COMBATER o comunismo mediante as formas agnósticas duma política utilitária e sem Deus, não é somente um erro, mas também uma imoralidade. *Novidades*. Lisboa, 5 set. 1946.

CORRESPONDÊNCIA de Plínio Salgado a Loureiro Júnior, 4 maio 1946 (APHRC/FPS PiPrP 04.05.46/2 - 1946\_05\_0010).

FALA Albiano de Melo, antigo líder integralista – sobre o movimento nacional. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p. 9, 8 abr. 1945.

GERTZ, René E.; GONÇALVES, Leandro Pereira; LIEBEL, Vinícius. Camisas-Verdes, 45 anos depois – uma entrevista com Hélgio Trindade. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 189-208, abr. 2016.

GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico-cultural minuíano a acervo AIB/PRP (DELFO/PUCRS). In: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (Org.). *Centros de Documentação e Arquivos: acervos, experiências e formação*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2016.

\_\_\_\_\_. Corporativismo e Transnacionalismo na ARENA: Portugal como inspiração na ação parlamentar de Plínio Salgado. *Tempos Históricos*, v. 19, p. 358-377, 2015a.

\_\_\_\_\_. O exílio de Plínio Salgado em Portugal: a Vida de Jesus e a composição do apostolado político. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 52, p. 140-177, 2015b.

\_\_\_\_\_. Plínio Salgado e a Guerra Fria: uma análise entre Brasil e Portugal no âmbito das Guerras Coloniais. *Cahiers des Amériques Latines*, p. 31-54, 2015c.

HILTON, Stanley. *A guerra secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.

MONITOR Integralista, 7 out. 1937, ano V, n. 22.

OLIVEIRA, Alexandre Luis. *Do integralismo ao udenismo: a trajetória política de Raymundo Padilha*. 2014. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.).

*Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46.

PLÍNIO Salgado foi apoteoticamente recebido à sua chegada ao Rio de Janeiro. *Novidades*, Lisboa, 19 ago. 1946.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais, carisma e Ação Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

SALGADO, Plínio. A volta do “Chefe” (entrevista). *Revista Veja*. São Paulo, 13 maio 1970.

\_\_\_\_\_. Discurso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: encerramento da 2ª Convenção Nacional do Partido de Representação Popular em 27 out. 1946. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1946.

\_\_\_\_\_. Manifesto-Diretiva. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 set. 1945.

TRINDADE, Hélió. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

\_\_\_\_\_. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

## Notas:

---

<sup>i</sup> Contabilidade realizada até o ano de 2007.

<sup>ii</sup> Não defendemos a imposição de um entendimento uníssono sobre o tema, mas justamente uma crítica construtiva em relação ao debate acadêmico e científico.

<sup>iii</sup> Pode ser identificada como algo do homem político, coerente com a dimensão política de massas, sendo próprio da direita ou esquerda.

<sup>iv</sup> Stanley Hilton (1983) contabiliza um número que varia em torno de 500 a 800 mil membros. É uma das menores estatísticas apuradas nos levantamentos de trabalhos acadêmicos.

<sup>v</sup> Ao lado do Fundo Plínio Salgado, no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (APHRC/FPS), está o Acervo Documental Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AIB/PRP-DELFOFOS-PUCRS), fundo constituído em Porto Alegre e que contém uma imensa quantidade de documentos sobre a história do integralismo, sendo oriundos do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (GONÇALVES, 2016).

<sup>vi</sup> De acordo com Gilberto Calil: “A II Convenção Nacional do PRP, em outubro de 1946, ao eleger Salgado para a Presidência nacional do Partido e ao mesmo tempo reforçar o poder do cargo, estabelecia as condições do controle que seria exercido por Salgado até a extinção do Partido em 1965. Salgado afirmava ter aceitado o cargo, ‘a contragosto’ (CALIL, 2005, p. 346). Calil buscou um documento da II Convenção Nacional publicado no jornal do PRP *Idade Nova*, que caracteriza o tom místico que foi estabelecido em torno de Plínio Salgado: “Plínio Salgado é um sábio e um santo! Ele é alvo das contradições porque se fez cópia do Divino Mestre! Os inimigos da Nação, os que pegam em armas a favor da Rússia contra o Brasil, o odeiam porque ele está fundando, entre nós, o partido de Deus!” (Plínio Salgado eleito Presidente do PRP: Um documento inédito da II Convenção Nacional” *Idade Nova*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1946 *apud* CALIL, 2005, p. 346). Observa-se a relação direta e clara estabelecida entre política e religião, tendo a imagem do profeta Plínio, que foi construída em Portugal como base da doutrinação e organização partidária de 1946 até 1965.

<sup>vii</sup> Essa é uma carta que foi trabalhada anteriormente em Calil (2005). O pioneiro nos estudos sobre o Partido de Representação Popular destacou que a criação do novo partido foi uma estratégia arquitetada por Plínio Salgado que, conhecendo o número de filiados ao integralismo, temia derrotas no novo cenário político.